



ACTION OF PRIMARY CARE IN THE CHAOTIC AND PROGRESSIVE SOCIETY OF MENTAL DISORDERS

ATUAÇÃO DA ATENÇÃO BÁSICA FRENTE À CAÓTICA E PROGRESSIVA SOCIEDADE DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Karen Abreu Inacio Pinheiro

Acadêmica do curso de Medicina - UniRedentor

karenabreuinacio@gmail.com

Heidel Marcel Spiler

Docente - UniRedentor

heidel.spiler@uniredentor.edu.br

Abstract – The current society is being progressively marked by the high frequency of mental disorders (MD), which, because they are milder, arrive in the majority of Primary Care (AB), which often has professionals who do not feel able to do so much to deal with the situation, as well as to recognize that a patient has TM and needs attention. Therefore, the objective of this article is to promote, in primary care, mental health care based on the biopsychosocial model. This research is based on a cross-sectional study using the UBS Boa Fortuna, located in the municipality of Itaperuna/RJ, in which data were collected from the medical records of patients with mental disorders in that unit to create their TM profile, as well as A round of conversation was promoted with the professionals for a later discussion about the AB's performance in this scenario. It is concluded, therefore, that in today's society, Primary Health Care still has deficits to act against MD, requiring greater steps.

Keywords: Primary Care. Mental disorders. Biopsychosocial.

Resumo

A vigente sociedade está sendo marcada progressivamente pela alta frequência de transtornos mentais (TM), os quais, por serem mais brandos, chegam de forma majoritária para a Atenção Básica (AB), que muitas vezes conta com profissionais que não se sentem aptos tanto para lidar com a situação, quanto até para reconhecer que um paciente possui TM e carece de atenção. Logo, o objetivo desse artigo é promover, na atenção básica, assistência à saúde mental baseada no modelo biopsicossocial. Esta pesquisa baseia-se em um estudo transversal utilizando como cenário a UBS Boa Fortuna, localizada no município de Itaperuna/RJ, em que se levantou dados dos prontuários de pacientes com transtornos mentais dessa unidade para criar o seu perfil de TM, bem como foi promovida uma roda de conversa com os profissionais para uma posterior discussão acerca da atuação da AB diante desse cenário. Conclui-se, desse modo, que na atual sociedade a Atenção Primária à Saúde ainda se encontra com déficits para atuar frente aos TM, necessitando de maiores passos.

Palavras-chave: Atenção Básica. Transtornos mentais. Biopsicossocial.

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX com a primeira Lei que visava a busca por uma melhor assistência aos considerados alienados (CABRAL & DAROSCI, 2019), a saúde mental vem a passos lentos e árduos almejando um lugar de visibilidade na concepção social brasileira. Diante da luta antimanicomial durante a história, aflorou-se a Reforma Psiquiátrica, a qual conforme Bezerra Júnior (2007) se expandiu e se consolidou como o marco da política assistencial à saúde mental; um movimento que surge com a necessidade de “brigar” pelo enquadramento dos indivíduos com transtornos mentais na categoria de seres humanos – pensamento um tanto banal, mas que ainda hodiernamente encontra repulsa por parte de muitos, mesmo que nas entrelinhas.

Nesse panorama, por mais que mudanças tenham surgido no âmbito da saúde mental, atualmente parece haver um retrocesso que coloca em risco tais avanços, já que o Ministério da Saúde tem trazido enfoque no aumento de leitos em hospitais psiquiátricos e na eletroconvulsoterapia (SILVA, MEDEIROS, SILVA, SILVA & SILVA, 2019), feito isso em detrimento de investimentos em serviços de atenção mais humanizados, que tratam em liberdade e próximos aos locais de moradia do paciente.

Partindo da atual perspectiva, em acordo com Legay e Lima (2004), tem-se que o maçante estresse diário, a alta incidência de problemas sociais, a nítida longevidade e o mundo pós-pandemia desencadeiam na sociedade uma gradativa frequência de transtornos mentais. Logo, nota-se que a depressão, a ansiedade e o abuso de substâncias psicoativas têm se tornado algo rotineiro, sendo considerado o novo normal. Desse modo, muitas vezes induz o pensamento de que mesmo que esses indivíduos estejam com o psicológico afetado, por ainda estarem capaz de viver

habitualmente o seu dia a dia, não estão fora do padrão esperado e não precisam de uma assídua intervenção – sendo aderido às vezes somente o uso da terapia medicamentosa.

É nesse íterim que ganha destaque o papel da Atenção Básica, uma vez que os transtornos mentais mais graves certamente são tratados com psiquiatras, atendimento especializado como o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), entre outros. Contudo, há diversos casos de transtornos mais brandos na sociedade que de acordo com Delgalarrondo (2019) são os mais difíceis de se perceber, porém, os que majoritariamente chegam no cotidiano da Atenção Primária à Saúde (APS).

Se a Atenção Básica (AB) tem como função resolver 85% dos impasses em saúde nas unidades básicas de saúde (CONASS, 2019), e verifica-se na população que os transtornos mentais progridem de forma exponencial, identifica-se que é nesse universo que se encontra a maior parte dos casos menos severos de alterações mentais. Mas será que realmente ela está capacitada para essa atuação? Seus profissionais conseguem perceber nos diversos pacientes assistidos a presença dos transtornos mentais? Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) estão aptos para levar até as casas orientações que a população carece, mas exprime sem falas claras?

Nesse viés, por grande parcela dos indivíduos possuem visões estereotipadas e ao encontro do modelo asilar, esses associam transtornos mentais à necessidade de internação e agressividade, cegando a captação dos casos menos intensos no seu próprio território de vivência (SANTOS & BOSI, 2021). Destarte, urge a necessidade de extinguir o modelo biomédico que ainda permeia nas questões envolvendo a saúde mental, sendo necessário destinar um olhar mais empático e humano para detectar algo sensível e subjetivo como os transtornos mentais “menos aparentes”, assim, é fulcral o foco no sujeito ao invés de em doenças. Consoante Silveira e Vieira (2009, p. 147),

“enquanto política de saúde pública local, a inserção da saúde mental no PSF exige a ruptura destes antigos padrões assistenciais e a superação da racionalidade médica moderna, ainda hegemônica nas ações de cuidado que são conduzidas”.

Diante disso, para esse paciente, a assistência integral tão preconizada pelo SUS requer a solidariedade de quem o atende, seja dentro da UBS, seja por meio dos ACS no seio da família. Logo, oferecer à APS meios de criar uma visão pautada no modelo biopsicossocial é o melhor dos caminhos para que os transtornos mentais tão presentes na sociedade vigente e futura encontrem não só apoio para o tratamento

precoce, bem como estímulos para reduzir sua incidência no país.

Justificativa

Diante da alta frequência, nas visitas domiciliares e nos ambulatórios, de aparição de casos em que os pacientes apresentam, principalmente, sinais e sintomas de ansiedade e depressão, observa-se que o pensamento de que lugar de transtorno mental é em hospital psiquiátrico “cai por terra”. A maioria dos transtornos que chegam à Atenção Primária são justamente os menos perceptivos durante a primeira impressão; logo, evidencia-se que os profissionais atuantes nas UBS muitas vezes se encontram despreparados para reconhecer e auxiliar de maneira efetiva tais indivíduos, a não ser com encaminhamentos e remédios quando se detecta tal necessidade. Assim, torna-se vital que conheçam a população atendida em seu território, como se dá a presença dos transtornos mentais entre ela e adquiram novas ideias para enfrentar essa situação que vem se tornando tão rotineira. Em vista disso, é definitivamente oportuno aliar saúde mental e atenção básica a fim de oferecer a esses pacientes uma atenção à saúde mais humanizada e traçada no molde biopsicossocial.

Objetivos

1.1 Objetivo geral

Promover, na atenção básica, assistência à saúde mental baseada no modelo biopsicossocial.

1.2 Objetivos específicos

Elencar dados acerca dos transtornos mentais assistidos em uma determinada UBS do município de Itaperuna/RJ;

Ressaltar a carência da disseminação de informações a respeito dos transtornos mentais na Atenção Primária à Saúde;

Destacar a atuação dos profissionais da Atenção Básica frente à saúde mental e contribuir para uma melhor capacitação da APS nesse quesito.

Metodologia

Esta pesquisa baseia-se em um estudo transversal em que o cenário é uma Unidade Básica de Saúde localizada no município de Itaperuna/RJ (UBS Boa Fortuna). Para a execução do trabalho de campo desse estudo, mediante aprovação

do Comitê de Ética em Pesquisa, buscou-se realizar um levantamento de dados a partir dos prontuários de pacientes assistidos na unidade em questão que possuem transtornos mentais, visando à coleta de informações como prevalência de pacientes acometidos por transtornos mentais, quais os tipos de transtornos descritos nos documentos ou seus sinais e sintomas, o sexo e a idade desses pacientes, o uso de terapias medicamentosas ou outros tratamentos e se é relatado no prontuário causas relacionadas ao quadro de transtorno mental do indivíduo, evidenciando, com isso, o perfil de saúde mental dessa UBS.

A partir disso, os resultados obtidos foram dispostos em formato de gráficos e apresentados aos profissionais atuantes nessa unidade básica de saúde durante uma roda de conversa, que contou com um momento de trocas de experiências entre os sujeitos presentes com assuntos relativos, por exemplo, ao conhecimento por parte deles dos resultados obtidos, a maneiras utilizadas para resolutividade do quadro dos pacientes com transtornos mentais da UBS, a orientações propostas ao paciente e/ou à família e, por fim, foi ressaltada a necessidade de se aplicar na prática da atenção básica o modelo biopsicossocial acerca da saúde mental.

Assim, diante das informações alcançadas e de uma busca minuciosa na literatura baseada em estudos publicados entre 2004 a 2022 disponíveis em fontes de pesquisa como Pubmed, SciELO, entre outras, foi discutida a preparação dos profissionais da Atenção Primária à Saúde frente à atuação no contexto da saúde mental – trazendo uma comparação do que é documentado nos artigos com a prática da UBS analisada.

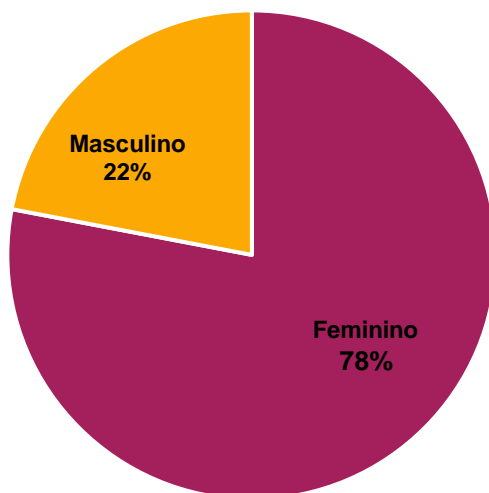
Nesse viés, juntamente abordou-se a importância da sensibilidade necessária a quem atende pacientes que possuem transtornos mentais para que se possa captar as informações evidenciadas por eles – como distinguir quem carece de um apoio mental de maneira mais satisfatória – e estar apto para os orientarem de forma humanizada e efetiva – um dos temas focado na roda de conversa com os profissionais para induzir tal estado sensível de assistência nessa UBS.

Resultados e Discussão

Os prontuários da UBS Boa Fortuna localizada no município de Itaperuna/RJ foram analisados durante os meses de outubro a novembro de 2022. Embora não tenha sido possível explorar em sua totalidade os documentos, através de uma busca cautelosa em diversos prontuários, selecionou-se 50 em que os pacientes apresentavam algum transtorno mental.

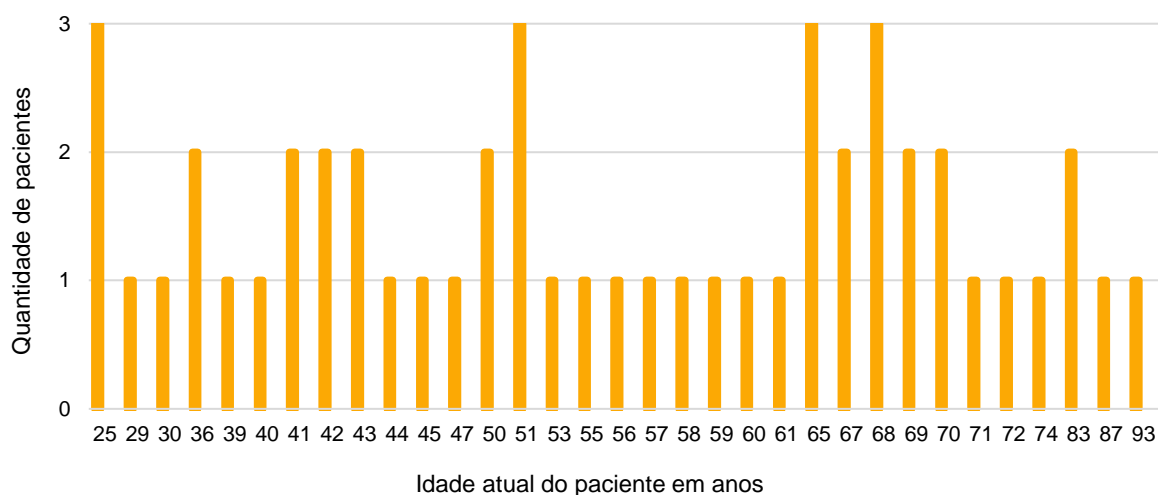
Durante tal busca, excluiu-se os prontuários que, por mais que trouxessem um caso de TM, ou especificava apenas o diagnóstico e os medicamentos prescritos sem evidenciar os aspectos clínicos, ou tratava-se de um paciente já falecido. Além disso, certos prontuários incluídos na análise não continham todos os dados pesquisados, contudo, não comprometeram o presente estudo. De acordo com os 50 prontuários destacados e as informações neles constadas, desenvolveu-se os seguintes gráficos:

Gráfico 1. Gráfico referente ao gênero dos pacientes com TM.



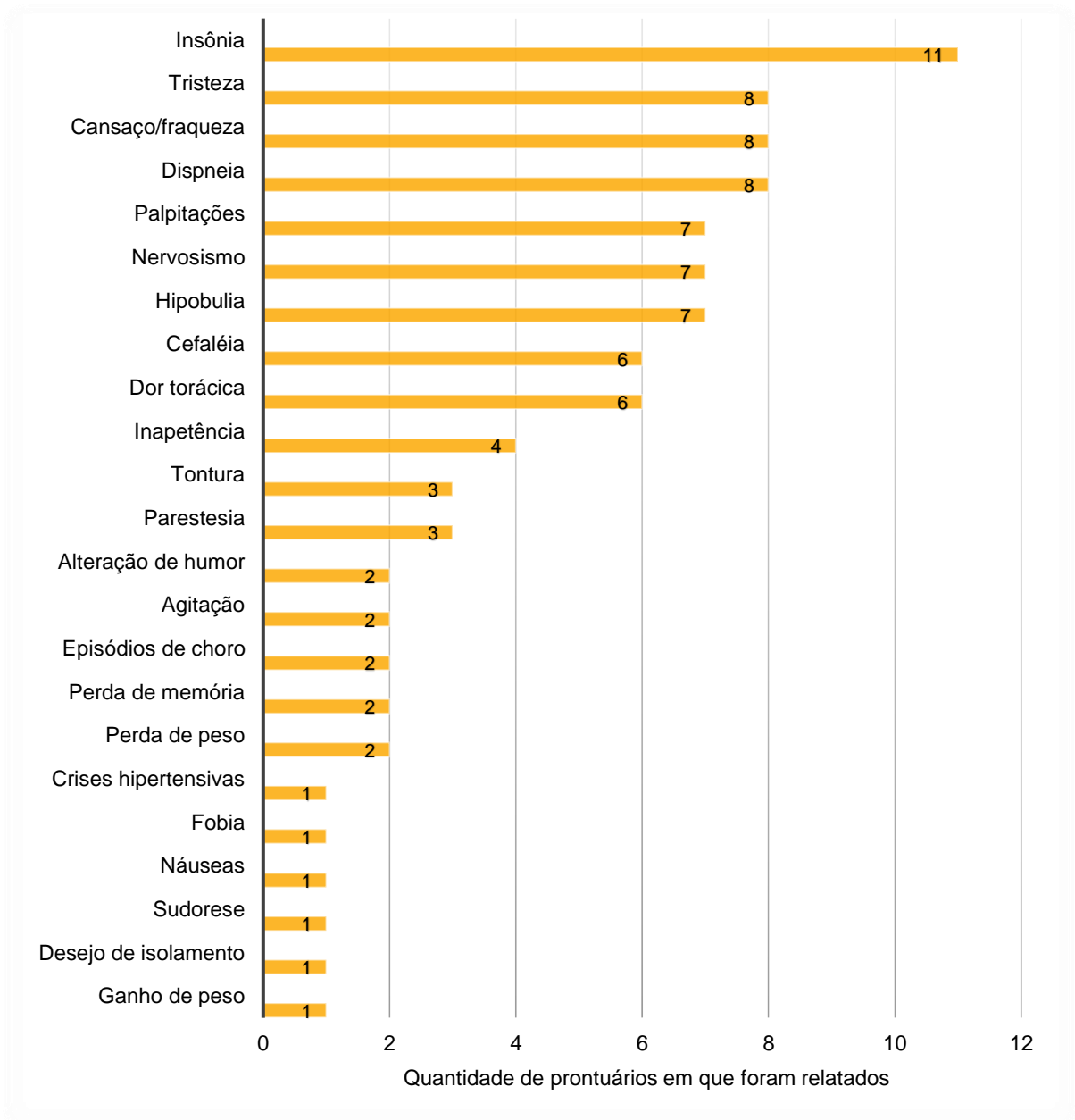
Fonte: De autoria própria.

Gráfico 2. Gráfico referente à idade dos pacientes com TM.



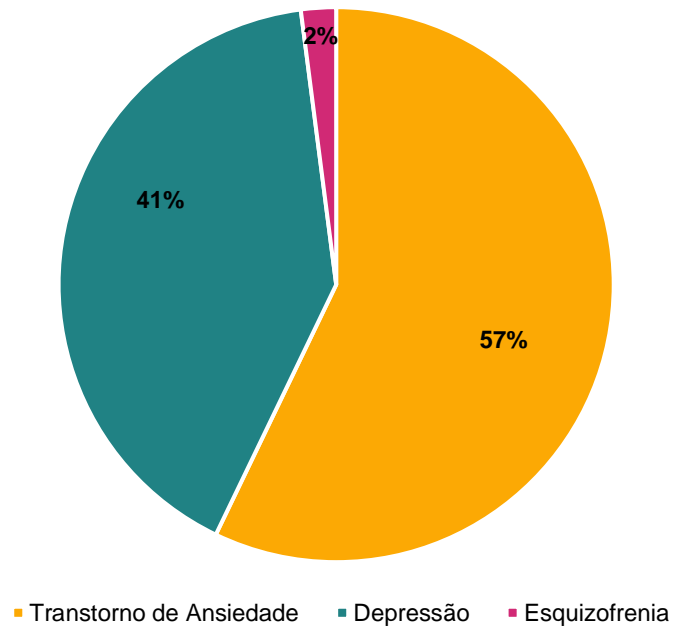
Fonte: De autoria própria.

Gráfico 3. Gráfico referente aos sinais e sintomas dos pacientes com TM.



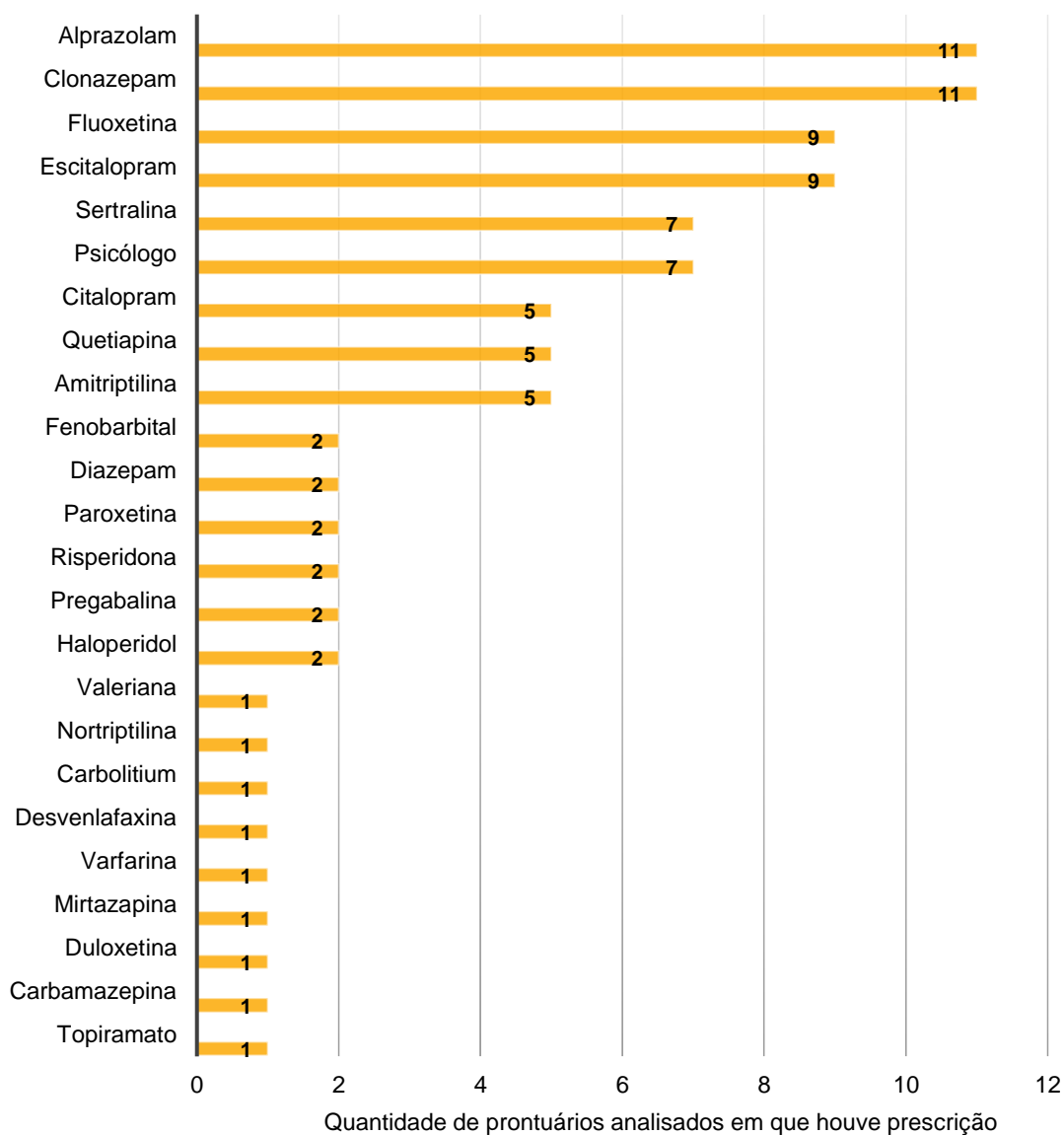
Fonte: De autoria própria.

Gráfico 4. Gráfico referente ao tipo de transtorno mental dos pacientes com TM.



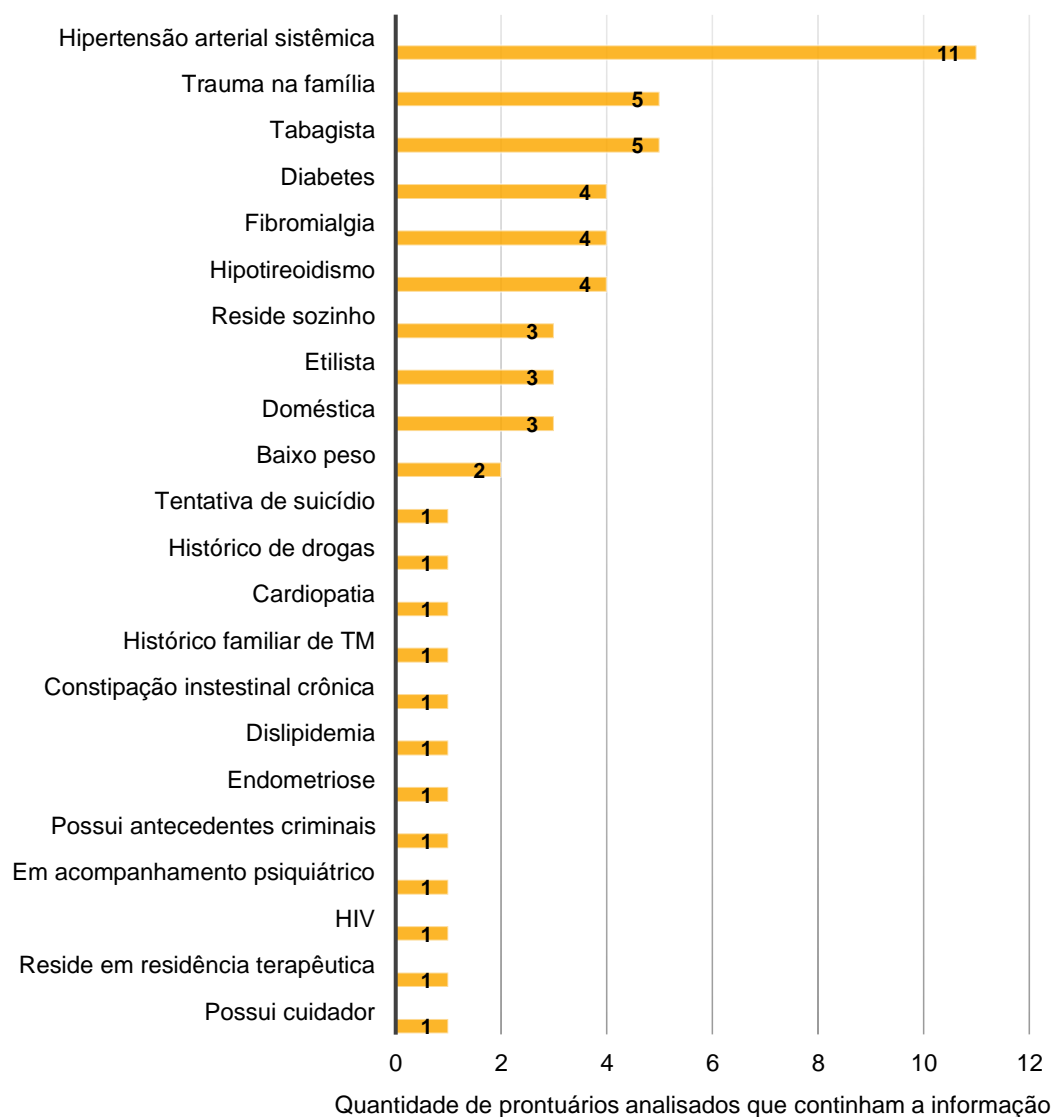
Fonte: De autoria própria.

Gráfico 5. Gráfico referente à prescrição médica nos prontuários dos pacientes com TM.



Fonte: De autoria própria.

Gráfico 6. Gráfico referente às características específicas de cada um dos pacientes com TM.



Fonte: De autoria própria.

Conforme os resultados adquiridos por meio da análise dos diversos prontuários da UBS Boa Fortuna do município de Itaperuna/RJ, foi possível obter o padrão de transtorno mental dessa unidade de saúde através dos 50 casos elegidos, o qual caracteriza-se por majoritariamente indivíduos do gênero feminino, média de idade em torno de 55,18 anos, prevalência dos transtornos de ansiedade e depressão, com maior porcentagem de pacientes portadores de HAS e com traumas no seio familiar, além de evidenciar como sinais e sintomas mais comuns: insônia, tristeza, cansaço/fraqueza e dispneia; bem como prescrição médica mais frequente: Alprazolam, Clonazepam, Fluoxetina e Escitalopram.

Nesse sentido, evidencia-se uma certa consonância dos dados levantados com aqueles dispostos na literatura, uma vez que, de acordo com Santos e Siqueira (2010), a faixa etária brasileira com maiores índices de transtornos mentais (TM) varia de 25 a 54 anos, algo confirmado também por Pereira *et al.* (2012), que relata a média em relação à idade sendo de 47,9 anos; além de evidenciarem que em relação à variável sexo, as mulheres prevalecem entre os níveis de TM no cenário do país, assim como disposto no gráfico 1. No quesito da idade dos pacientes com TM analisados neste estudo transversal, é relevante destacar que a idade exposta no gráfico 2 refere-se a idade atual dos pacientes, não àquela em que surgiram os sinais/sintomas do transtorno mental, visto que a importância para a atuação da atenção básica nesse viés é identificar, no período atual, os indivíduos que permanecem com tal TM em necessidade de tratamento; portanto, devido a isso, a idade média se comparada à literatura apresenta determinada variação.

Ademais, em uma pesquisa feita em 2018 acerca do perfil epidemiológico dos transtornos mentais na população adulta brasileira, constata-se que há uma prevalência de transtornos de humor – com episódios depressivos marcantes e mais frequente entre as mulheres –, neuróticos – associado à ansiedade e estresse – e psicóticos – identificado pela esquizofrenia e mais prevalente entre os homens (HIANY, VIEIRA, GUSMÃO & BARBOSA, 2018). Dessa maneira, corrobora-se tal quadro com as informações contidas nos prontuários analisados, em que há uma presença mais frequente de transtornos de ansiedade, seguido pela depressão e, em menor escala, pela esquizofrenia.

Segundo Aragão *et al.* (2018), indivíduos que apresentam doenças crônicas possuem taxas mais elevadas de alterações mentais que os que não possuem, o que vai ao encontro com os presentes resultados deste estudo de campo, que revela a coexistência do TM e tais doenças nos pacientes analisados, como hipertensão arterial sistêmica, diabetes, fibromialgia, hipotireoidismo, dentre outras.

Além disso, muitos problemas de saúde mental possuem exorbitante associação com a baixa escolaridade e a precária condição de renda, citando, a título de exemplo, prontuários que traziam a perda do emprego ou a baixa remuneração como influência no aspecto clínico do paciente, bem como confirma os autores Alcântara *et al.* (2020) e Gomes, Miguel e Miaso (2013), que ressaltam como fatores importantes nesse quesito: os baixos salários, a vulnerabilidade socioeconômica e a instabilidade do vínculo de trabalho.

Em relação ao acompanhamento psicológico desses pacientes, certamente entende-se que é ideal que todos necessitem, contudo, na prática essa orientação se mostra em torno de 63% dos prontuários analisados. Durante a troca de experiências com os profissionais dessa UBS foi discutida a ausência de vagas para atendimento com psicólogo na Unidade de Saúde, o que explica a reduzida orientação a esse acompanhamento, que é voltada somente para os casos em que se percebe maiores necessidades.

Ademais, durante essa roda de conversa na UBS, evidenciou-se que os profissionais atuantes nessa unidade muitas vezes conseguem até reconhecer um quadro de transtorno mental menos severo, porém, encontram dificuldades para abordar tal assunto com o paciente e sua família, já que possuem receio de estarem intervindo exageradamente naquele contexto pessoal ou, de fato, não sabem como orientar de modo eficiente a resolução do caso.

Consoante Pereira *et al.* (2012), a equipe do serviço de saúde deve saber lidar com os casos de transtornos mentais de maneira a identificar com mais facilidade os quadros clínicos, envolvendo a sintomatologia daquele sujeito, sua evolução e os efeitos dos tratamentos a qual foi submetido, bem como estar capacitado a oferecer adequadamente orientações tanto aos usuários da UBS quanto aos seus familiares. A partir disso, não se torna primordial que os próprios cuidadores do paciente tenham a iniciativa de buscar os esclarecimentos do quadro instalado, uma vez que os profissionais de saúde terão esse papel como principal (ESTEVAM, MARCON, ANTONIO, MUNARI & WAIDMAN, 2011).

Nesse viés, é válido ressaltar como, ainda atualmente, muitos profissionais da saúde não se sentem aptos para tratar dessas questões, percebendo desconfortos no tratamento aos pacientes e familiares, o que ocorre principalmente pela ausência de cursos de capacitação e treinamento e até mesmo devido a deficiência desse conteúdo durante a formação acadêmica (WAIDMAN, MARCON, PANDINI, BESSA & PAIANO, 2012). Sendo notado, ainda, que quando é trazido o assunto da saúde mental durante a qualificação profissional, há uma grande dificuldade de aliar teoria e prática (BROLESE *et al.*, 2017). Desse modo, conforme Borba, Guimarães, Mazza e Maftum (2012), é certamente necessário que tais profissionais estejam habilitados a acolher a pessoa com TM sem receios e a elaborar estratégias pautadas na sua realidade social.

Além disso, a função dos agentes comunitários de saúde (ACS) em uma situação de TM mostra-se essencial, como visto no estudo de Alcântara *et al.* (2020),

em que em um cenário marcado pela subnotificação de casos de TM, a participação dos ACS ampliou em mais de seis vezes a quantidade de registros no SISAB – Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica. Durante a roda de conversa na UBS com os ACS presentes, muitos relataram a relevância de se ter em mente o padrão de TM da unidade em que atuam, como demonstra os gráficos apresentados, pois facilita a análise dos pacientes assistidos que se enquadram nesse quesito, favorecendo a alimentação desses sistemas de informação.

Dessa forma, os profissionais devem oferecer atenção e apoio eficaz, principalmente por meio das visitas domiciliares, possibilitando o acompanhamento dos tratamentos e a aquisição de receitas, esclarecendo dúvidas e prestando orientações, estimulando as relações familiares e fortalecendo o vínculo da família e do paciente com a equipe de saúde (ARAGÃO *et al.*, 2018).

Conforme Pompeo, Carvalho, Olive, Souza e Galera (2016), um modelo de cuidado aos TM adotado em seu local de estudo e que apresentou resultados positivos foi o baseado em três pilares: suporte social – apoio da família, amigos, religião, médicos e outros recursos da saúde e comunidade –, resolução de problemas – em que é estimulada uma análise crítica e detalhada da situação estressante do cotidiano a fim de não afastar, mas na tentativa de se modificar atitudes e buscar soluções de lidar com as pressões habituais – e reavaliação positiva – em que, a partir de um cotidiano conflitante, há um esforço na busca por formas de ressignificar, mudar e aprender a controlar as emoções envolvidas nos problemas vivenciados. Destarte, tais critérios são boas opções de cuidado que os profissionais da saúde podem se basear na tentativa de ofertar uma assistência adequada e integral aos pacientes com transtornos mentais e seus cuidadores e/ou familiares; modelo esse que foi levantado durante a troca de experiências promovida na UBS Boa Fortuna.

Considerações finais

É crucial, portanto, que seja estimulado o modelo biopsicossocial para uma integralidade na assistência à saúde mental, o que, embora seja um trabalho complexo – já que cada paciente apresenta de maneira singular seus sinais e sintomas, e exige estado de alerta, sensibilidade e atenção –, torna-se possível na prática por meio de uma equipe multidisciplinar e disposta a evoluir.

Nesse sentido, para que seja ofertada uma rede de atenção que garanta serviços integrados, resolutivos e com o fito de favorecer a inserção desses pacientes ao bom convívio social, a atenção básica e seus profissionais devem atuar buscando

identificar eficientemente as queixas associadas ao sofrimento psíquico, oferecer uma escuta qualificada, e criar estratégias para compreender e lidar com as situações conflitantes em cada situação, seja por meio das visitas domiciliares, seja com serviços complementares, seja através de encaminhamento para serviços especializados – que carecem concomitantemente de apoio governamental para sua efetivação. Assim, a atuação da Atenção Básica frente aos transtornos mentais alcançará resultados mais favoráveis em relação ao que hoje se observa na sua prática cotidiana.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, K. D. Contribuições de Agentes Comunitários de Saúde para a construção do perfil de usuários da Atenção Básica com necessidades de saúde mental. **Cad. Saúde Colet.**, v. 28, n. 4, p. 599-608, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/V67RJJJB75RJgSFQqsHkKQ8t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

ARAGÃO, E. I. S. *et al.* Padrões de Apoio Social na Atenção Primária à Saúde: diferenças entre ter doenças físicas ou transtornos mentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 7, o. 2339-2350, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/JkpQgVjnMfJtswdwwmMfBbj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

BEZERRA JÚNIOR, B. Desafios da Reforma Psiquiátrica no Brasil. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 243-250, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/H4wVY4ZDk9nKqdGsdzyJkWg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BORBA, L. de O. *et al.* Assistência em saúde mental sustentada no modelo psicossocial: narrativas de familiares e pessoas com transtorno mental. **Rev Esc Enferm USP**, v. 46, n. 6, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/nvDG9HtLRmptbY9gwcwqNvj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

BROLESE, D. F. *et al.* Resiliência da equipe de saúde no cuidado a pessoas com transtornos mentais em um hospital psiquiátrico. **Rev Esc Enferm USP**, v. 51, p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/vz5bRBz6qRqh6NPzbMQx8FD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

CABRAL, S. B.; DAROSCI, M. **A trajetória das políticas de saúde mental no Brasil: uma análise a partir do ângulo normativo (1903-2019)**. In: III SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL, 2019, Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/202550>. Acesso em: 23 abr. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE - CONASS. Atenção Primária é capaz de resolver 85% das demandas de saúde. 2019. Disponível em: <https://www.conass.org.br/atencao-primaria-e-capaz-de-resolver-85-das-demandas-de-saude>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DELGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. 485 p.

ESTEVAM, M. C. *et al.* Convivendo com transtorno mental: perspectiva de familiares sobre atenção básica. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 3, p. 679-686, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/HfLTzwNZpcJpntcDDPVMLXw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

GOMES, V. F.; MIGUEL, T. L. B.; MIASSO, A. I. Transtornos Mentais Comuns: perfil sociodemográfico e farmacoterapêutico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 21, n. 6, p. 1203-1211, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/76041>. Acesso em: 10 set. 2022.

HIANY, N. *et al.* Perfil Epidemiológico dos Transtornos Mentais na População Adulta no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual**, v. 86, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/676/584>. Acesso em: 08 out. 2022.

LEGAY, L. F.; LIMA, L. A. de. Os transtornos mentais e o campo da saúde coletiva. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio De Janeiro, v. 12, n. 1, p. 5-7, 2004. Disponível em: http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2004_1/artigos/cad_2004_1_editorial.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

PEREIRA, M. O. *et al.* Perfil dos usuários de serviços de Saúde Mental do município de Lorena – São Paulo. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. 1, p. 48-54, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/ZKTx5vycBf7CW9FgXgWgfTR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

POMPEO, D. A. *et al.* Estratégias de enfrentamento de familiares de pacientes com transtornos mentais. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 24, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/ZXDpzXv74p5fG8s6D4LKTfv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

SANTOS, E. G. dos; SIQUEIRA, M. M. de. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **J Bras Psiquiatr.**, v. 59, n. 3, p. 238-246, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/FNQ5qZjtSdwznsjZzHTH7jS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2022.

SANTOS, R. C. dos; BOSI, M. L. M. Saúde Mental na Atenção Básica: perspectivas de profissionais da Estratégia Saúde da Família no Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 5, p. 1739-1748, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/smZzDbKRH67VRrbYjsXMmPP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SILVA, E. M. da *et al.* **Política de saúde mental: entre avanços e retrocessos**. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 2019, João Pessoa. Anais eletrônicos. Campinas: Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/8o-cbcshs/papers/politica-de-saude-mental--entre-avancos-e-retrocessos>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVEIRA, D. P. da; VIEIRA, A. L. S. Saúde mental e atenção básica em saúde: análise de uma experiência no nível local. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 139-148, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/mkMfWcyRk8Fm4v9F6SN6pRR/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

WAIDMAN, M. A. P. *et al.* Assistência de enfermagem às pessoas com transtornos mentais e às famílias na Atenção Básica. **Acta Paul Enferm.** v. 25, n. 3, p.346-51, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ape/a/yDRkfF7C9c5p7H3KwJBW6BG/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 fev. 2023.